



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**Pobreza menstrual:
análise de uma intervenção para estudantes do
8º Ano do Ensino Fundamental**

AUTORA: Letícia Batista da Silva
ORIENTADORA: Juliana Eugênia Caixeta

Planaltina-DF

2025



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**Pobreza menstrual:
análise de uma intervenção para estudantes do
8º Ano do Ensino Fundamental**

AUTORA: Letícia Batista da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Juliana Eugênia Caixeta.

Planaltina-DF

2025

DEDICATÓRIA

“Se qualquer mulher sentir que precisa de qualquer coisa além de si para legitimar e validar sua existência, ela já estará abrindo mão de seu poder de se autodefinir, de seu protagonismo.” – em O feminismo é para todo mundo bell hooks¹ (2000)

¹ Usamos o nome conforme a autora deseja: letras minúsculas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter guiado cada passo dessa caminhada, me dando forças nos momentos mais difíceis e iluminando o caminho até aqui.

À minha família, o meu alicerce. Mesmo sem terem tido a oportunidade de cursar o ensino superior, sempre compreenderam e valorizaram a importância dos estudos. Foram eles que, com palavras simples e gestos sinceros, me incentivaram a nunca desistir. Todo esse esforço é também por vocês e para vocês.

E, por fim, agradeço a mim mesma. Por ter suportado os desafios, as noites mal dormidas, as incertezas e o cansaço. Por ter tido coragem de continuar, mesmo quando tudo parecia difícil demais. Hoje, com o coração cheio de gratidão, reconheço minha força e celebro essa conquista com orgulho.

Não poderia deixar de dedicar um agradecimento especial à minha orientadora Juliana, que foi mais do que uma professora durante a graduação — foi uma verdadeira inspiração. Sua dedicação, paciência e generosidade marcaram profundamente minha trajetória acadêmica.

Agradeço por cada conselho, cada oportunidade que me foi oferecida e por acreditar em meu potencial, mesmo quando eu mesma duvidava. Sua orientação ultrapassou os limites deste trabalho e me abriu portas que levarei comigo para toda a vida. Sou imensamente grata por ter tido a chance de aprender com alguém tão competente, humana e inspiradora. Obrigada por tudo!

Também quero deixar registrado meu sincero agradecimento ao professor Fábio, do ensino fundamental, que foi o primeiro a me apresentar ao incrível mundo das Ciências.

Foi com suas aulas cheias de entusiasmo, curiosidade e inspiração que nasceu em mim o interesse por essa área tão fascinante. Ele plantou uma semente que, anos depois, floresce nesta conquista.

Obrigada, professor, por despertar em mim o olhar investigativo e a paixão pelo conhecimento. Seu impacto na minha formação foi essencial e inesquecível.

Estendo também minha gratidão a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha formação na graduação. Cada um, com seu jeito único de ensinar, contribuiu de forma significativa para minha construção acadêmica e pessoal. Levo comigo não apenas o conhecimento, mas também os exemplos de compromisso, ética e amor pelo ensino que encontrei em sala de aula.

Minha profunda gratidão a cada amigo e amiga que cruzou meu caminho durante essa jornada. Obrigada por tornarem os dias mais leves, por cada conversa, por cada risada compartilhada e até pelos momentos difíceis que enfrentamos juntos — eles também nos uniram.

A todos vocês, meu muito obrigada.

Pobreza menstrual: análise de uma intervenção para estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental

Letícia Batista da Silva

RESUMO

A pobreza menstrual é uma situação que muitas mulheres no Brasil enfrentam, especialmente aquelas que não têm acesso a itens de higiene durante o ciclo menstrual. O ciclo menstrual é algo natural que acontece com todas as mulheres todos os meses, mesmo assim, o tema é cercado de tabus. Nesta pesquisa, analisamos o relatório de Estágio Supervisionado 4 sobre o projeto interventivo “Pobreza menstrual”, com vistas a identificar as potências e as dificuldades narradas pelas estagiárias e pelo estagiário quanto à execução das atividades no 8º ano do Ensino Fundamental. Foi feita uma pesquisa documental, com enfoque qualitativo. Os resultados mostraram que as potências do trabalho foram: interações interpessoais valorosas, mudanças de concepções prévias sobre o tema Menstruação e Pobreza Menstrual, estratégias e recursos de ensino interativos e transcender a sala de aula. A dificuldade se deveu ao tabu que envolve a discussão da menstruação e da pobreza menstrual.

Palavras-chave: Pobreza menstrual, Educação em Sexualidade, Adolescência, Ensino de Ciências, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A pobreza menstrual refere-se à impossibilidade de muitas mulheres e meninas acessarem produtos de higiene menstrual adequados, o que impacta diretamente sua saúde, seu bem-estar e sua participação plena na sociedade, especialmente, no ambiente escolar e no mercado de trabalho (Shiraishi *et al.*, 2022).

Durante a disciplina de Estágio Supervisionado 4, do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, ao observar a pobreza menstrual como um fenômeno presente na escola onde atuei, minha supervisora e eu decidimos planejar e executar um projeto interventivo sobre essa temática com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola periférica da cidade de Planaltina, Distrito Federal.

Neste trabalho, analisamos o relatório de Estágio Supervisionado 4 sobre o projeto interventivo “Pobreza menstrual”, com vistas a identificar as potências e as dificuldades narradas

pelas estagiárias e pelo estagiário quanto à execução das atividades no 8º ano do Ensino Fundamental.

Do ponto de vista social, esta pesquisa pretende contribuir com o debate, no Ensino de Ciências, sobre processos interventivos educacionais que envolvem a Pobreza Menstrual, os direitos das mulheres e as possíveis soluções a serem adotadas pelo governo e pela sociedade.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A adolescência ou a pré-adolescência, entre 10 e 16 anos, é a fase da vida na qual a menina tem a experiência da menstruação. A menstruação é um marco importante na puberdade e acontece quando há um sangramento devido à descamação do revestimento do útero, que ocorre se não houve fecundação. Durante esse período de crescimento, o corpo da menina passa por um aumento gradual na produção de certos hormônios, começando por volta dos 8 anos de idade.

A primeira menstruação é chamada de menarca, e geralmente acontece entre os 11 e 16 anos. Após esse momento, o corpo feminino se prepara todo mês para uma possível gravidez, liberando um óvulo. Se a fecundação não acontecer, o revestimento do útero se desprende e é eliminado pelo sangramento menstrual (Brasil, 2023).

O ciclo menstrual se deve às alterações hormonais cíclicas que ocorrem no endométrio e nos ovários. Um ciclo normal varia de 21 a 35 dias, com média de 28 dias, e pode ser dividido em três fases distintas: a fase folicular, a fase ovulatória e a fase lútea. Cada estágio é caracterizado pela secreção alternada de hormônio folículo-estimulante (FSH) e hormônio luteinizante (LH) pela hipófise anterior, e a secreção alternada de estrogênio e progesterona pelos ovários (Freitas; Menke, 2001).

A menarca, nome dado à primeira menstruação, mesmo considerada excelente marcador clínico de maturação ovariana, não evidencia que a maturação sexual e a capacidade reprodutiva estejam completamente prontas. Após um intervalo de meses ou anos, acompanhando a menarca, a ovulação torna-se regular, com a normalização do ciclo menstrual. O estabelecimento de um ciclo ovulatório normal indica desenvolvimento de mecanismos envolvidos para que o acontecimento esteja completo. Na adolescência, é provável a simultaneidade de insuficiência

folicular e luteínica, podendo ocorrer ciclos menstruais ovulatórios alternando com ciclos anovulatórios, sucedendo diferentes formas de sangramento menstrual (Cabral *et al.*, 2005).

Até o momento, este texto observou a menstruação como um fenômeno biológico. No entanto, Esteves (2021) e Silva (2022) destacam que a menstruação é um fenômeno social, historicamente compreendido por diferentes sociedades.

No Brasil, a menstruação, como fenômeno social, já esteve associada à condição de sujeira e falta de higiene (Sardenberg, 1994). Contemporaneamente, tem havido mudanças no sentido de a menstruação ser representada de forma mais realista (Miranda; Fernandes, 2020). No entanto, esse avanço não implica, necessariamente, a ruptura de todos os tabus relacionados à menstruação em todos os contextos sociais (Teixeira, 2023).

Expressões como “estar de chico” ou “naqueles dias” ou “bandeira vermelha” ainda são usadas para se falar sobre a condição de se estar menstruada. E essas expressões podem vir associadas a desconforto e vergonha das jovens ao falarem sobre si. Por isso, a menstruação não pode ser entendida, apenas, como um fenômeno natural e biológico. Ela precisa ser entendida a partir de uma concepção biopsicossocial, que entrelaça determinantes sociais à experiência da menstruação como fenômeno esperado para as mulheres. Nas palavras de Sarbenberg (1994):

“Mulher é um bicho esquisito: todo mês sangra...”, dizem os versos de Rita Lee numa canção popular. E constata-se que, de fato, não importa a raça ou classe nem onde e quando vem ao mundo ou se situe na história, é destino de mulher – qualquer uma – sangrar todo mês (p. 314).

Por muitas vezes, essas expressões típicas do senso comum reforçam o tabu de que o sangue é sujo e que a mulher sai do seu estado normal, perdendo, inclusive, sua condição racional, tornando-se alterada, agressiva, lunática, fora de si (Sardenberg, 1994; Miranda; Fernandes, 2020).

Assim, se por um lado, há o processo biológico do ciclo menstrual; por outro, há processos sociais relevantes que impactam a vida da menina e da mulher e essas dimensões devem ser consideradas na escola. No Ensino de Ciências, é previsto na Base Nacional Comum Curricular, para o oitavo ano, os objetos de conhecimento Sexualidade e Mecanismos

Reprodutivos, momento no qual docentes podem mediar os conceitos relacionados à Menstruação, no Ensino Fundamental (Brasil, 2017; Silva, 2022).

Nesse debate sobre a mediação da aprendizagem de forma crítica no Ensino de Ciências, entendemos ser relevante a mediação da aprendizagem sobre o tema Pobreza Menstrual.

Pobreza Menstrual e a Educação em Sexualidade no Ensino de Ciências

Teixeira (2023) apurou, no relatório do UNICEF e UNFPA que foi publicado em 2021, a situação brasileira em relação aos direitos menstruais e concluiu que é preocupante a evidência das desigualdades históricas de gênero, raça, regiões do país e classe social. Neste cenário, a falta de acesso a direitos como o saneamento básico, medicamentos e itens de higiene pessoal durante o período menstrual pode causar impactos negativos no percurso educacional e profissional da população.

A Pobreza Menstrual tem sido um tema que está ganhando visibilidade contemporaneamente tanto nas mídias sociais (Miranda; Fernandes, 2022) como na escola. A pesquisa de Teixeira (2023) demonstra que estudantes pouco sabem sobre o ciclo menstrual e pobreza menstrual:

a maioria dos estudantes não sabe explicar muito bem o motivo das meninas/mulheres ficarem menstruadas, bem como não conhecem as fases do ciclo menstrual. Ademais, a menstruação é caracterizada de uma forma negativa pelas alunas que descrevem o sangue com adjetivos como nojento e fedorento. Elas também relatam situações constrangedoras e consequências negativas no dia a dia decorrentes do período menstrual. Além disso, os discentes desconheciam os termos pobreza e dignidade menstrual, bem como a falta de políticas públicas que garantam o acesso a itens de higiene básicos para as pessoas que menstruam (p. 7).

Os resultados de Teixeira (2023) confirmam o debate feito por Assad (2021, p.4), no Brasil,

a pobreza menstrual é um reflexo de uma série de fatores, como a falta de políticas públicas eficazes, a desigualdade socioeconômica e a dificuldade de acesso a itens básicos de higiene. Estudos apontam que a carência de recursos financeiros para aquisição de absorventes e outros produtos de higiene pode levar a sérios problemas de saúde, como infecções e doenças ginecológicas, além de afastamento da escola e do trabalho, prejudicando a formação educacional e a autonomia financeira de pessoas que menstruam .

Quando se debate sobre a pobreza menstrual, geralmente, dois fatores se destacam: 1º. o tabu que envolve a sexualidade e a menstruação e 2º. a desigualdade de gênero. Silva, Lopes e Júnior (2022) ressaltam que a pobreza menstrual é um assunto necessário e importante na escola, por ser uma questão de saúde pública. Nas palavras das autoras: “fazendo com que muitas meninas não tenham condições necessárias para passar por esse período com o mínimo de dignidade” (p.6).

No Ensino de Ciências, a Pobreza Menstrual tem potencial de ser abordada, pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), uma vez que o Ensino de Ciências da Natureza tem por objetivo construir contextos de ensino nos quais os/as estudantes possam “conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana (...)” (Brasil, 2017, p. 324).

Na Unidade Temática Vida e Evolução da Base Comum Curricular (Brasil, 2017), temos que, no 7º ano, o/a estudante, em Ciências, tenha acesso ao ensino do objeto de conhecimento “Programas e indicadores de saúde pública” e, no 8º ano, “Mecanismos Reprodutivos e Sexualidade”. E, como habilidades do 8º ano, está “(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso”. Portanto, é parte do Ensino Fundamental, séries finais, o debate quanto à Menstruação e, também, da Pobreza Menstrual.

Nos últimos anos, tem havido trabalhos que têm apresentado intervenções e reflexões sobre o tema Pobreza Menstrual no Ensino de Ciências. O trabalho de Teixeira (2023) ocorreu em uma escola estadual de Belo Horizonte com uma turma de 8º ano do ensino fundamental, composta por 28 estudantes, em 2022. A pesquisadora, que também era professora de Ciências da turma e tinha uma boa relação com os alunos e as alunas, foi responsável pela intervenção.

Os alunos e As alunas demonstraram interesse por temas de Educação [em Sexualidade](#). Assim, ela organizou o conteúdo programático de forma que o tema Ciclo Menstrual fosse ensinado após o conteúdo programático sobre Sexualidade, Puberdade, Hormônios, Métodos Contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

A intervenção do Ciclo Menstrual foi organizada em 04 aulas de 50 minutos cada. Na primeira aula, foi aplicado um questionário para investigar o conhecimento prévio e opiniões

dos/as estudantes. Para coletar informações específicas sobre as vivências das meninas, a professora aplicou um questionário adicional somente para elas. Na segunda aula, a professora realizou uma dinâmica em grupo, dividindo os alunos e as alunas em seis grupos: meninas, meninos e um misto. Os grupos analisaram e discutiram situações hipotéticas relacionadas à menstruação, promovendo debate, reflexão e troca de experiências sobre os aspectos sociais e emocionais envolvidos no tema.

Na terceira aula, houve uma roda de conversa em que a professora leu situações hipotéticas discutidas anteriormente, permitindo que os grupos apresentassem seus pontos de vista e os/as demais participantes contribuíssem com opiniões e argumentos diversos, enriquecendo o debate. Na última aula, a professora explicou os termos pobreza e dignidade menstrual, além de abordar projetos de leis relacionadas ao tema no Brasil.

Após esclarecer dúvidas, os/as estudantes refletiram sobre o aprendizado e como ele poderia influenciar suas vidas, especialmente na escola. Os dados foram coletados por registros orais feitos pela professora. Ela usou um aplicativo de mensagem para isso.

A professora fez um diário de campo, permitindo uma análise qualitativa das interações e intervenções em sala de aula.

O trabalho de Ramos, Mariotti e Bonzanini (2021) apresenta o trabalho interventivo de três estudantes da disciplina “Ciência contra a desinformação”, da Universidade de São Paulo, campus Piracicaba. A intervenção foi realizada na modalidade híbrida, em 2021. Portanto, metade da turma estava na escola, presencialmente; enquanto a outra metade estava em casa, utilizando mídias digitais para acessarem a aula.

Na aula presencial, as licenciandas organizaram a turma em roda, com grande espaçamento entre as carteiras.

Para organização da apresentação foram considerados fatos importantes sobre a menstruação ao longo da história, conceitos e processos relacionados à menstruação, conceitos sobre fisiologia do corpo humano e orientações quanto à necessidade do acesso democrático à informação, estimulando homens e mulheres a lutar contra a pobreza menstrual no país. O material utilizado como apoio para a apresentação foi organizado no formato de slides, com imagens, figuras, ilustrações, e vídeos curtos, para tornar a apresentação mais atrativa para os estudantes e também exemplificar as discussões. Para tanto, considerou-se a necessidade de exercitar a transposição didática e contextualização dos temas. Foi planejada também uma atividade de perguntas e

respostas, para interagir com os participantes (Ramos; Mariotti; Bonzanini, 2021, p.3 e 4).

A primeira *live* abordou aspectos teóricos relacionados à menstruação e, também, a forma adequada de manuseio dos absorventes e descarte. Em seguida, as licenciandas abriram espaço para a atividade de perguntas e respostas. Os/As estudantes receberam placas com sinais vermelho e verde para julgar expressões, como: “• Não é recomendado tomar banho quando menstruadas porque o sangue sobe para a cabeça; • Sangue da menstruação apresenta mau odor; • Comer chocolate ameniza os sintomas da TPM; • Se eu lavar o cabelo menstruada, paro de menstruar” (Ramos; Mariotti; Bonzanini, 2021, p.4).

Para o planejamento da segunda *live*, as licenciandas levaram em consideração as dúvidas e diálogos dos/as estudantes na primeira *live*. Assim, a intervenção do segundo dia considerou dúvidas como: “por que homens não menstruam?” (Ramos; Mariotti; Bonzanini, 2021, p.5).

Os resultados da análise da intervenção demonstrou que os/as estudantes tinham muitas dúvidas sobre temáticas relacionadas à Sexualidade. Considerando o tema Menstruação, os tabus foram presentes e a desinformação foi constatada a partir dos diálogos dos/as estudantes, durante a interação com as licenciandas. Para as autoras, a Ciência tem relevante colaboração para combater a desinformação e permitir a educação libertadora e promotora de cidadania, conforme prega a BNCC (Brasil, 2018).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa se fundamenta na metodologia qualitativa, por ser uma investigação que procura compreender as potências e dificuldades em se realizar uma intervenção, no Ensino de Ciências, sobre o tema Pobreza Menstrual. Para isso, foi analisado o relatório de Estágio Supervisionado 4 sobre o projeto interventivo “Pobreza menstrual”. Portanto, foi realizada uma pesquisa documental.

Segundo Fontana (2023), a pesquisa documental é uma forma qualitativa de investigação que utiliza fontes primárias, ou seja, subsídios que não sofreram análises e tratamentos científicos (ou carecem de uma inquirição diferenciada em termos de abordagem analítica).

2.1. MÉTODO

a) Amostra

Relatório de estágio do Projeto Pobreza Menstrual, obtido pela autora, a partir da autorização dos demais autor e autora do trabalho.

b) Procedimentos de análise

Foi utilizada Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que prevê a construção de categorias. No caso dessa pesquisa, as categorias já foram definidas previamente à análise, devido ao interesse da investigação: identificar as potências e dificuldades do projeto interventivo Pobreza Menstrual, executado por um conjunto de duas Licenciandas e um Licenciando do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, em uma série do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Planaltina, Distrito Federal.

3. RESULTADOS

Antes de abordar as categorias previamente elaboradas, vamos apresentar a intervenção realizada na escola com a turma de 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Planaltina, Distrito Federal.

3.1. A INTERVENÇÃO POBREZA MENSTRUAL

A intervenção foi realizada em uma escola pública de Planaltina, Distrito Federal. Trata-se de uma escola bem estruturada, situada em um bairro de classe popular da cidade.

A intervenção foi planejada entre licenciandas e licenciando do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, com a professora Supervisora, professora efetiva da Escola. Tratou-se de uma atividade vinculada à disciplina Estágio Supervisionado 04 do curso de LCN.

O planejamento contou com a elaboração de 5 planos de aula. A partir de agora, vamos apresentar o que foi feito no Projeto Pobreza Menstrual. O trecho foi retirado do Relatório do Estágio (ver quadro 1).

Quadro 1: descreve as aulas feitas para a concretização do Projeto Pobreza Menstrual.

Logo em seguida foi realizada uma atividade na escola CEF Florido² de Planaltina-DF aplicado como parte da regência no estágio supervisionado 04 dos discentes em formação em Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade de Brasília do Campus da FUP. A escola localizada no bairro Buritis (...), na Região Administrativa de Planaltina-DF possui turmas do matutino, vespertino e do noturno. Atende o ensino regular e a EJA (Educação de Jovens e Adultos), tem uma infraestrutura considerada boa para receber os alunos. O estudo foi feito com as disciplinas de Ciências e Artes aos alunos do 8º ano e teve como objetivo trabalhar a interdisciplinaridade, as aulas ministradas em Ciências o assunto abordado foi acerca da Pobreza Menstrual e nas aulas de Artes acerca do Mosaico. Os estagiários de Licenciatura em Ciências Naturais ministraram as aulas durante os horários na disciplina de Ciências no período matutino, foi feito em uma semana dividida por aulas teóricas e práticas. Em seguida, os alunos do 8º ano finalizaram as atividades durante as aulas de Artes. Já os materiais utilizados pelos estágios foram os ecobags, tirinhas, telas, podcasts, mosaicos e camisetas onde os alunos em grupos fizeram uma atividade proposta pelos estagiários acerca do tema Pobreza Menstrual usando a criatividade dos grupos. Os materiais que foram criados pelos alunos vão ser expostos na Feira de Ciências organizada pela própria escola.

Fonte: (Ramos; Silva; Lima, 2022, p. 6).

Na primeira aula, fizemos a observação de todas as turmas do 8º ano, observamos a particularidade de cada turma: em algumas, os alunos se mostravam mais unidos e interessados; em outras, os alunos eram mais agitados. Percebemos que precisávamos de metodologias diferentes para atingir todas as turmas.

Na segunda aula, começamos com a regência, pedimos para cada turma que entrassem fazer um círculo com as mesas e cadeiras e iniciamos a conversa com as meninas com a seguinte pergunta: “Você tem vergonha de falar que está menstruada?”. Depois das respostas das estudantes, perguntamos para os meninos qual o papel deles para ajudar as meninas nesse período, com o intuito de minimizar os tabu que homens ainda têm sobre o período menstrual.

² Nome Fictício da escola.

Ainda na roda de conversa, passamos uma caixa de madeira que podia fazer perguntas anônimas sobre os assuntos trabalhados: menstruação, IST's³ e gravidez. Recebemos muitas perguntas sobre risco de gravidez e sexo. Sorteamos e respondemos as que nos sentíamos capacitados para responder e sempre auxiliando a falar com os responsáveis para procurar um médico.

Na terceira aula, pedimos para que se organizassem em 5 grupos e escolher qual recurso iriam querer fazer o trabalho final para apresentar na Feira de Ciências. Disponibilizamos ecobags, camisetas brancas, cartolina, papel cartão, giz, caneta hidrográfica, lápis de cor e equipamento para produção de podcast. Na produção de podcast, orientávamos no roteiro; na escolha do papel cartão, tinham que fazer uma arte usando a técnica de mosaico, pois trabalhamos com a interdisciplinaridade junto com a professora de Artes, que já havia sido explicado, nas aulas, sobre a técnica da arte bizantina.

“No quarto e quinto dia, ficamos ajudando os alunos a elaborar os materiais, auxiliar na procura de desenhos para usar como modelo, frases que pudessem ser escritas, ajudando para que não houvesse cópia da internet” (Diário de campo de uma das licenciadas, 2022)

Figura 01: Ecobag.

Figura 02: Ecobag.



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

Figura 03: Mosaico.

Figura 04: Mosaico.



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

Figura 05: Tirinha.



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

Figura 06: Tirinha



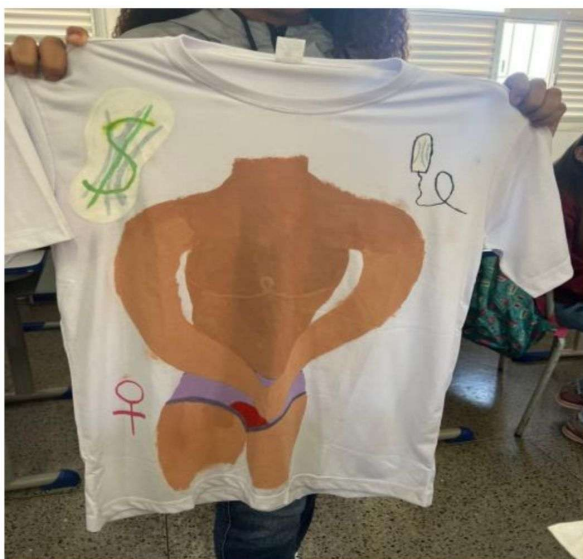
Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

Figura 07: Camiseta



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

Figura 08: Camiseta



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).



Fonte: Ramos, Silva e Lima (2022).

3.2. POTÊNCIAS

Nesta categoria, apresentamos as potências do projeto interventivo Pobreza Menstrual. Como potências, definimos a capacidade de a intervenção ter gerado: interações interpessoais valorosas, mudanças de concepções prévias sobre o tema Menstruação e Pobreza Menstrual, estratégias e recursos de ensino interativos e transcender a sala de aula.

- a) Interações Interpessoais Valorosas: esta subcategoria engloba conteúdos nos quais o relatório indica que as relações entre estudantes, entre estudantes e docente, entre estudantes e licenciandas/o e entre licenciandas/o e docente foram respeitosas, dignas, afetuosas.

Iniciamos fazendo uma roda de conversa com todos os alunos acerca do tema principal, pobreza menstrual. Nesse momento, conversamos sobre as conceituações que circundam o assunto, as possíveis dúvidas que surgiram durante a conversa, também conversamos sobre o ciclo menstrual e sobre a saúde menstrual (Ramos; Silva; Lima, 2022, p. 07).

- b) Mudanças de concepções prévias sobre o tema Menstruação e Pobreza Menstrual: esta subcategoria engloba conteúdos do relatório no qual as licenciandas e o licenciando indicaram que houve mudanças de concepção, ou seja, de entendimento sobre o que é Menstruação e Pobreza Menstrual. Refere-se ao combate à desinformação e problematização dos tabus.

Analisando os materiais percebe-se que eles fizeram pesquisas aprofundadas sobre o assunto e perceberam a importância do assunto. Todos os trabalhos ficaram criativos e impactantes. Percebemos que a conversa inicial que tivemos foi uma grande inspiração para o início dos trabalhos. (Ramos; Silva; Lima, 2022, p. 07).

- c) Estratégias e recursos de ensino interativos: essa subcategoria retrata, especificamente, o tipo de recursos de ensino utilizados para a intervenção bem como as estratégias de ensino, ou seja, a forma como as mediações foram feitas.

Eles usaram imagens da internet para se inspirar e pesquisar dados. Ficaram livres para fazer como queriam menos a tirinha que foi lembrada que só pode conter 03 quadrados (Ramos; Silva; Lima, 2022, p.07).

3.3. DIFICULDADES

Inspiradas no trabalho de Ferreira (2019, p.7), entendemos dificuldades como “(...) toda e qualquer coisa ou elemento que torne difícil, custosa, penosa, árdua, nos seus mais diversos graus, a prática docente ou mesmo que aja contra ela, impondo obstáculos e/ou impedimentos, sendo oposição e/ou objeção (...)”.

No relatório, não foram encontradas as dificuldades que as licenciandas e o licenciando encontraram na realização do Projeto Pobreza Menstrual.

No diário de campo de umas das estagiárias, há relatos de medo e tabu de falar sobre a temática, por exemplo, como os alunos iam receber esse assunto, mas à medida que fomos nos abrindo e mostrando que também menstruamos as alunas também se abriram para que houvesse o diálogo.

3.4. POLITICAS PUBLICAS

O Programa Dignidade Menstrual, criado pelo Governo Federal, tem como objetivo garantir a saúde das pessoas que menstruam e assegurar que elas possam acessar espaços e exercer seus direitos sem barreiras. Com isso, contribui para a promoção da igualdade de gênero, da justiça social, da educação e da defesa dos direitos humanos. Suas ações abrangem a capacitação e formação de servidores públicos, a realização de atividades educativas voltadas à população e a distribuição gratuita de absorventes higiênicos. Também inclui iniciativas para combater a desinformação e estimular a conscientização sobre a menstruação, reconhecendo-a como um processo natural que merece acolhimento e cuidado.

Em 8 de março de 2023, no Dia Internacional da Mulher, o Governo Federal editou o Decreto nº 11.432, que criou o Programa Dignidade Menstrual de modo compartilhado entre

Ministério da Saúde, Ministério das Mulheres, Ministério da Justiça e Segurança Pública, Ministério da Educação, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Esse decreto regulamenta a Lei nº 14.214/2021. (Brasil, 2024)

4. DISCUSSÃO

A intervenção sobre Pobreza Menstrual desenvolvida com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental demonstrou ser não apenas pertinente, como também necessária para o contexto escolar. O trabalho realizado se alinha com estudos anteriores (Teixeira, 2023; Ramos, Mariotti e Bonzanini, 2021) ao mostrar que o tema ainda é cercado de desinformação, tabus e silêncio, especialmente entre adolescentes.

A proposta pedagógica da intervenção evidenciou múltiplas potências. Entre elas, destaca-se a capacidade de mobilizar diferentes linguagens e recursos — como podcasts, mosaicos, ecobags, camisetas e tirinhas — que favoreceram o engajamento estudantil e a construção coletiva de saberes. A escolha por metodologias ativas e interativas contribuiu para a superação de resistências iniciais ao tema, criando um espaço seguro de fala e escuta, especialmente para as meninas.

Além disso, a integração entre as disciplinas de Ciências e Artes permitiu o exercício da interdisciplinaridade, conforme defendem Ramos, Silva e Lima (2022), reforçando a ideia de que questões como a pobreza menstrual devem ser abordadas sob múltiplos pontos de vista: biológicos, sociais, culturais e políticos.

Contudo, é preciso reconhecer as dificuldades. Apesar de não estarem amplamente explicitadas no relatório de estágio, o diário de campo de uma das estagiárias aponta o receio inicial dos/as estagiários/as ao tratar de uma temática sensível. Esse sentimento reflete a própria ausência do tema na formação docente inicial e a carência de experiências pedagógicas sobre

Educação em Sexualidade durante a graduação, como já discutido por Assad (2021) e Silva (2022).

A análise também revelou que a intervenção foi capaz de provocar mudanças nas concepções dos/as estudantes sobre menstruação e dignidade menstrual, contribuindo para a desconstrução de estigmas. Essa mudança só foi possível graças ao acolhimento e à escuta ativa promovida pelos/as estagiários/as, que também se colocaram como sujeitos atravessados por esse fenômeno natural e social.

Por fim, é importante ressaltar que experiências como esta reforçam o potencial do Ensino de Ciências como ferramenta de promoção da equidade de gênero e dos direitos humanos. Quando temas como a pobreza menstrual são debatidos em sala de aula, promovem-se a empatia, o respeito e o reconhecimento da diversidade de corpos e vivências que compõem o espaço escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou a relevância de abordar a pobreza menstrual no contexto escolar, especialmente no Ensino Fundamental, considerando suas dimensões biológicas, sociais e políticas. A intervenção desenvolvida com estudantes do 8º ano possibilitou não apenas o ensino de conteúdos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como também promoveu um espaço de diálogo e acolhimento sobre um tema muitas vezes silenciado.

A atividade desenvolvida teve como destaque o uso de estratégias didáticas criativas e a construção de um ambiente de confiança, onde os/as estudantes puderam expressar dúvidas, sentimentos e experiências. A interdisciplinaridade entre Ciências e Artes contribuiu para o aprofundamento das reflexões e para o fortalecimento de vínculos afetivos e pedagógicos.

Ainda que algumas dificuldades tenham surgido — como o receio inicial de tratar sobre a menstruação e os tabus associados a ela —, os resultados indicaram que a intervenção foi bem-sucedida ao provocar mudanças de concepções e promover o protagonismo juvenil na discussão de um direito básico: o acesso à dignidade menstrual.

Como sugestão para futuras práticas pedagógicas, recomenda-se que a formação inicial de professores inclua mais atividades sobre Educação em Sexualidade e que o tema da pobreza menstrual seja transversalmente abordado, a fim de combater desigualdades de gênero e promover uma educação mais inclusiva e transformadora.

Assim, este estudo reitera que a escola é um espaço privilegiado para fomentar a equidade, a cidadania e a justiça social — e que o Ensino de Ciências tem um papel fundamental nessa missão.

Referências

- ASSAD, B. F. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. *Revista Antinomias*, v. 02, n. 1, p. 140-160, jun. 2021. Disponível em: <https://antinomias.com.br/index.php/revista/article/view/21>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Saiba o que é a menstruação, quando ela acontece e quais as principais características. Brasília: site do Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/saiba-o-que-e-a-menstruacao-quando-ela-acontece-e-quais-as-principais-caracteristicas#:~:text=Processo%20natural%20do%20corpo%20da,dos%208%20anos%20de%20idade>. Acessado em 02.06.2025.
- BRASIL. *Programa Dignidade Menstrual – Um ciclo de respeito: Guia de implementação*. Ministério da Saúde et al. Brasília, fev. 2024. Cartilha. p. 5. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilhas/2024/dignidademenstrual>. Acessado em: 12.08.2025.
- CABRAL, Zuleide Aparecida Felix et al. "Função lútea em adolescentes normais com ciclos menstruais regulares." *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, n. 27, p.509-514, 2005.
- CAETANO, Maria Rita Oliveira. Pobreza menstrual: iniciativas de educação e conscientização voltadas para o 5º ano do ensino fundamental I. 2024.

- ESTEVEES, A. Alguns olhares sobre a menstruação. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, v. 23, n.1, p. 247-266, 2021.
- FREITAS, F.; MENKE, C. H. Rotinas em Ginecologia. Porto Alegre: Art Med, 2001.
- FONTANA, Felipe; PEREIRA, Ana Carolina Torrente. Pesquisa documental. *Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências*, v. 2, p. 42-58, 2023.
- MIRANDA, B.C.B.; FERNANDES, E.R. Menstruação e suas Representações na mídia: uma análise sobre Sangue, Tabu e Gênero. *Diálogos: Economia e Sociedade*, Porto Velho, v. 4., n. 2, p. 261–273, jun./dez. 2020.
- RAMOS, Ana Luisa; MARIOTTI, Flora; BONZANINI, Taitiâny. OLIVEIRA, Ana Luisa Ramos De et al.. Discussões sobre pobreza menstrual em sala de aula: utilizando a ciência contra a desinformação. *Anais do VIII ENALIC...* Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://ns1.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/84702>>. Acesso em: 04/07/2025 15:39
- RODRIGUES, Clara Maria Teles. Pobreza menstrual e as políticas públicas no ambiente escolar. 2024. Tese de Doutorado.
- SARDENBERG, Cecilia M. B. De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 314, 1994. DOI: 10.1590/0%*x*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16215>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- SHIRAISHI, Leticia Sayuri et al. Pobreza Menstrual e Políticas Públicas no Brasil. *Brazilian Journal of Development*, n. 8, v. 2, p.10715-10729, 2002.
- SILVA, D. A. Abordagem da menstruação nas dissertações de Educação Sexual: algumas reflexões. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 69 f. 2022.
- TEIXEIRA, Alessandra Marques Gonçalves. DIGNIDADE MENSTRUAL: reflexões acerca do ciclo menstrual em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. 27f. Monografia (Especialização em Educação em Ciências). Pós-Graduação em Educação em Ciências. Centro De Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais – CECIMIG. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

